

*A ARTE
DOS REVESES*

Livro 23

Escritos do eu e tu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



DESENCONTRO

Os nossos amores se desencontraram. Logo nós, que aspirávamos à intimidade mais profunda. Desatamos dos braços aos pés, desfizemos promessas que não chegamos a fazer. Misturamos as feridas, separamos as dores, as chamas, as camas. Desencravamos palavras, desatamos declarações, obstruímos carícias, olhares fundos e beijos profundos; mantivemos apenas as roupas vestidas e as taças vazias. Guardo os vinhos e tu os suaves delírios. Levas a liberdade e me deixas as redentoras culpas. Modificados os planos, ficas com as claras e eu com as gemas, tu com o mapa da mina e eu com as pedras roliças do rio. Tu ficas com as estrelas e eu dispenso a cruz.

REGIÃO DESCONHECIDA

O lapso de tempo necessário para descarregar as penas que atualmente se acumulam na minha vida será aquele mesmo tempo para levarei para te esquecer. É preciso saber esperar. Caminho numa região por mim desconhecida, à mercê de labirintos feitos de sentimentos.

Querer separar difere de falas, silêncios, depende de atos, ciladas, armadilhas, retrocessos, altos e baixos, renúncias, desistências, esquecimentos, desordens, abraços guardados, beijos desgovernados, conciliações desfeitas, brigas, densas desconfianças, encontros descontinuados, ódios atendidos. É necessário desacorrentar, deixar ir.

TEUS ECOS

Já não me chegam teus ecos, desfaço-te como sede dos meus desejos, já não reverberas meus sentimentos, te livras dos meus sonhos, já não admities meus assédios, renuncias aos privilégios da minha ternura oferecida. Sou ex-amor, amor morto, amor sem futuro, amor passado, ultrapassado, amor sem ritmo e outras necessárias e obrigatórias consequências. Estamos em desacordo. Esquecidos os acordos, damos voltas, buscando exemplos de úteis despedidas.



ESTOU FARTO

Estou farto das tuas promessas, das tardes vazias, do calor escaldante, das urgências pouco importantes. Não percebes que desafinas por qualquer coisa, e ainda tenho que te desejar por sobre o teu mau humor espalhado no nosso deserto? Afogo-me em crônicas sedes.

UM SILÊNCIO NOVO

Esqueço-me de mim mesmo quando surpreendido por tuas notícias. Ouço um som de ossos rompidos, uma dor de fendas recentes, um desacato às minhas crenças. Teus lábios me dizem que a casa está fria, que os ventos guardados voltam tempestade e que os desenganos atiram pedras.

Tuas palavras me causam tristeza, desafinam meu amor e harmonia. Um silêncio novo se abate sobre mim e me calo, não mais te falo, não mais me encantas.



OUTRO DESTINO

Em meus braços te escrevi outro destino, um horizonte que foi mais além do que imaginavas. Convidei-te a deixar o pranto, conhecer outros lugares em que se chora de prazer e de alegria. Se deslocasses tuas dores para as faltas, já não sofrerias com presenças, te livrarias com desabafos a calma. Apesar dos maus dividendos, poderias buscar o que te é de direito; a vida, para ti, então, poderia deixar de ser apenas uma metáfora.

O QUE FAÇO

Provoco intimidades para que me cuides. Já não me bastam alívios temporários. A escassez de contatos me ensina e aprendo a sofrer com tuas ausências, prova de que não é a falta tua que me é nociva, senão o que faço de mim quando te estranho.



OLHARES CONFESSOS

Em nosso afastamento, tua falta se converte, de fato, em uma íntima ausência povoada de lembranças e fantasias que mais parecem ser ações novas, desenvolvidas em relação direta a meus desejos.

O ato de enamorar-me, para efeitos da razão, me desgoverna. Passo entre jardineiras, voo infiel ao pré programado, me acordo dono do sentido de viver, toco o céu, me fecho de lua a lua, morro de tanto amor, não volto porque não saio, todos os caminhos me dirigem aos olhares confessos, perco as queixas. Tento deter o tempo que, clandestino, segue ultrapassando minhas fronteiras.

PRAZO VENCIDO

Deposito na espera do olhar um cansaço de tanto esperar pela resposta que falta. Vencidos os prazos, são válidos todos os recursos. Líquidos recentes avisam do acréscimo de desejos. Restauro discretamente a vontade, fortifico os méritos que a curiosidade explora. Acrescento mais um gozo, contrariando as dúvidas. O silêncio não permite negociações nem arranjos, sua soberania o faz ético e nobre; não aceita mudanças em sua objetividade.

Escolho imprimir uma luz tênue, como um delicado amante que distribui os dividendos do amor com graça solidária e paciente.

COISA NOSSA

Minha alma inteira propõe atenções menos passageiras. Encho de inspiração o pudor, faço-o mais valioso que a pele, dou sentido às marcas do tempo que insistem e fazem memória. Algumas aderências surpreendentes fundem a confiança, que entra com ânimo, alojando-se sem esperar licença, Instigado a defender o amor do ladrão que vem insultar, unifica paixões calcadas, um feixe de miudezas que une para insuflar-me às palavras e os atos. Intercepto, dou as respostas que faltam. Termino o verso inconcluso, abro as portas, faço as pontes, conservo o amor como coisa minha até te interessar, fazendo-te saber que é também coisa tua.



PEDIDOS

Decifro nos teus olhos atormentados pedidos enfastiados de demora. Abraço-te, cúmplice de tua desesperação, te empresto minha coragem, já não é possível a ausência do perigo, já não te peço devolução. Dadas as evidências, não posso viver no espaço, nem ficar sem desejos.

O AR QUE RESPIRO

Enquanto aspiro a suave fragrância do teu corpo, respiro, tomo posse de todo o ar sem me saciar. Assumo, é como se assistisse a um ofício divino. Busco ver todos os anexos que subvertem e desafiam, assombram e não ferem, excitam com susto, intimidam. De ti surgem segredos sussurrados. Induzes-me a prazeres desconhecidos, pões rubor na face ao confessar tua ingenuidade, envolves e culminas, atingindo o que não imaginas. Obediente, me atiro em tua direção. Achas graça do meu tormento, me ofereces toda a tua graça.



TEU ENTUSIASMO

Preciso do teu entusiasmo para recolher o essencial que sei ser mais que um adendo. Construo em mim um fundo que me provoca e convoca a desapressar o tempo e me desanima o desejo de ser só. Apresento-me comovido para ser visto e recebido, quero te dar a

notícia de que procuro dar pouco valor ao supérfluo. Depois que o tempo me avisou ser curto, me assusto com as urgências, temo que elas me levem antes do tempo.

Paciente, já não posso mais ser imparcial; atraso relógios, tenho os risos demorados, só me precipito na hora de te encontrar.



DAS MÁGOAS

Quando me falas das tuas mágoas, lembro-me de outras, minhas. Não tendo outro conforto, me recolho no pouco espaço não ocupado pela tristeza. Meus vazios pedem sustento, a saudade começa a correr dentro de mim cada vez que me aproximo de ti. As necessidades aumentam quando se somam às carências. Tenho uma falta que cresce lentamente em cada lugar que te acolho. Adio meu afã de ser feliz, deixo para outro dia a advertência do meu desapontamento, suspendo sucessivamente todos os planos e os preparativos.

Deixei de aferrar-me a tudo pelo que lutei, entrego o entusiasmo. Deixo brotar todas as mágoas que estavam por desabafar. Uma transformação lenta e profunda alinhava o depois sem ti.



CARÍCIAS PLANTADAS

Meus braços se estreitam para abraçar-te. Prescrevo a detenção do tempo para que ele não fuja. Profundamente, passeio pelo teu corpo errante.



NÃO MAIS PROVER

Quero sair da armadilha de mão única, não quero mais ser amado de favor, nem ter teu corpo oferecido sem calor; prefiro o beijo aceitado, profundo. Nego-me a

assistir ao velório do nosso amor. Reduzo a diferença entre o que sou e isso que contigo vivo. Preciso reencontrar-me. Não tenho mais vantagens para dar-te meu encanto; transbordadas retiradas, enquanto eu, aporto chegadas.



SOLIDÃO

Paro para descansar e o ar pesado adverte que pense acerca da tensão que precede os nossos encontros. Cada um constrói a realidade que precisa. Assim, rememoro os fatos que me convêm, as ideias preconcebidas que me facilitam tornar o mar doce e abreviar o uso da cautela. Despeço-me lentamente. Toco um prelúdio e teu rosto, assumo a despedida antepenho palavras a gestos, inverto a ordem. O espetáculo é singular, mas dei-me prazo para a conclusão. Marquei, apesar de não estar pronto, frequentar uma solidão escolhida.

DISPOSTA À EUFORIA

Invoco uma palavra para romper a uniformidade que viaja dentro de mim. Não ponho culpa nessa insistência, não ponho gestos, ponho-me de luto, fujo da dor.



PLÁGIOS

Cesso de sentir. Perdi tudo o que foi vivido, deixei-o em lugar ignorado. Saio com o propósito de incluir alguns adicionais. Não me pesará significar a dor, deixo tudo nos cantos da casa, ninguém seguirá teus rastros. Sem acordos, fujo da tentação de ficar. Recuso o plágio dessa despedida.

PARTIDAS

Seguiu-se à tua chegada um silêncio e uma surpresa geral. Via-se nos rostos por onde passavas um estoque de dúvidas sobre o destino que ali se construiria. Enquanto não passasse a surpresa, o tempo lento percorreria o curto espaço entre a porta por aonde chegaste e aquela por onde partirias. Fez-se inevitável passares ocupando a atenção de todos ali presentes. Esses momentos pedem segredo. Calam-se os protestos e as súplicas, todos se animaram às hipóteses. Quem levantaria a primeira dúvida, quem faria o primeiro pedido? Quem ficaria com a âncora pesada e quem ficaria com as saudades? Anunciadas as feridas, as memórias das coisas miúdas, os estorvos, fica a timidez que impediu declarações de amor e ódio.

Próximos à ruína, foram suspensas as manifestações de amor, as cobranças. Debruçados na decepção, desacatados os acordos prévios, surge a indiferença que esvazia e revoga todos os sentires.

ÉS MEU TUDO

Eu que amo ruidosamente, alcanço acompanhar-te de uma forma serena, com um silêncio cheio de presença e uma paz que adorna meus gestos. Nado em delícias, torno natural o costume de pensar em ti. Exerço ajustes, neutralizo declarações, indico domínio sobre uma timidez recorrente. Celebro tornar nobre o meu silêncio, amo em privado, dou foro e privilégio aos ajustes que te nomeiam e te validam meu alimento, meu ar, minha água e meu fogo.



TE TIRO DA MINHA PELE

Te tiro da minha pele, resgato o que sobrou da minha alma, o usual seria ver que seria necessário um fim. Por que ferir a harmonia, praticar lições de malogro? Suportei os recursos, todos inúteis findo o ciclo, conduzido até o afastamento, desanimado com as penas de amor.

AFLITO

Incauto, sem perceber o perigo do amor que se manifesta exacerbado, vivo, faço extraordinário o tato e o aroma. Exalto a humildade, que sensibiliza a intensidade, evitando a expectativa. Causar alegria é o convite menor, passar o resto da vida conversando a respeito e solicitando mais prazer daria argumento para convocar todas as esperanças como damas de companhia, testemunhas que consolidariam a vida.

Se me cobras a reunião dos afetos que te tenho, tudo se me faz desafiante, pois ali se somam as forças da natureza dentro de uma fortaleza que é teu corpo, e uma fragilidade que é minha expressão. Que outra coisa dizer ou esperar da vida quando alguém que te assiste a distância, te cuida e, te promete cuidados, não sabes quantos! No mínimo, te levo no coração. Quiçá respeito em silêncio tua distância, porque a lágrima mais íntima será para ti, enquanto espero.

Esse meu corpo se imagina voar, senhor de si e do caminho, tentando capturar as mariposas que possam ser tu. No meu silêncio, sempre estás o tempo todo, muito perto, muito mais próxima do que imaginas. Te levo em todas as minhas células e te deixo meu mais precioso tesouro -minha ternura amiga e a admiração de quem adora tua forma de reinaugurar a alegria. Levo-te comigo aonde eu for.

PRONUNCIAMENTO

Quando lembro, me lembro de ti nostalgicamente. Esse amor fala como se estivesse aqui, sorrindo para mim. Não posso fechar o tempo, mas posso guardar este sonho dentro de mim, iluminar o amor que se planta Transformado em vida, respiro teu pensamento, tua existência, palpável, parceira, importante. Levo-te no pão, no ar, na pele. Tu diriges e aplicas a paz que estacionou em mim.



TEU ROSTO

Vi teu rosto refém das lágrimas, reunidas nele as mágoas pesam as dores que não consegues dissimular. Qual a verdade do que sentes? Cada vez que assim te vejo, te olho me assombro com essa aflição íntima. Esse teu rosto traz uma noticia melancólica perdurada que faz de ti essa que estás.

RUMORES

Se fujo tanto de ti, é pelo tanto que te quero. Ouço tua voz, fujo, fazendo-te presente. Cada vez que me afasto, ouço rumores que vêm do infinito; são teus olhos, teu gemido, e ainda que fujas em direção ao futuro, busco-te, me nutro no passado. É tanto esse amor, que me assusta. Vejo-te dentro da minha solidão, contemplativa, silenciosa para não me despertar, para não quebrar as minhas saudades. Reinvento na ausência velada, o amor sincero que não revelamos. Não quero viver de esconder-te, tangenciar-te. Quero, contigo, ser coletivo, fundir em convergência, consentir que o melhor seja ver-nos, compor homenagens, palpar afetos mútuos já habituados a imaginar a coincidência do instante em que nos apresentamos raízes, sementes, fragrâncias, frutos, olhares confessos, cordiais, velando o medo e a vontade de estar.

TORTURANTE VAZIO

Pareceu-me algo mais que um desvario acariciar uma longínqua lembrança convertida em bálsamo. Caprichos triviais criam e sustentam o voo dos sonhos. Ando buscando um desejo parecido ao meu para que seja alívio, um consolo que me ponha a degustar o viver.

Às vezes duvido entre deixar verter lágrimas e contemplar os rumores que me emancipam da tristeza. Não lembro dor tão doída como a de perceber o vazio de uma presença. Gostaria de haver perdido o interesse frente a esse olhar sem rumo que me deixa invisível. Perco o equilíbrio, quando, por cortesia, extrais um sorriso sem sentido, um abraço imitando outro antigo que, sem inspiração, não transporta mais quase nenhum carinho. Resulta-me difícil sob qualquer pretexto aproximar-me de um cheiro que do teu corpo alcançava o meu, promovendo tremores, taquicardias e suores. Esses aromas pendentes são mais do que lembranças. Não fora um torturante vazio, me atimonaria contra esses indesejáveis fechamentos.

Tento parar-me, empurrando minha decepção para outro lugar, onde exista reciprocidade, sorrisos amigos, mãos

e braços serenos e espontaneamente a mim dirigidos. Já que não posso confiar em labirintos e promessas, já não quero sobressaltos que me tragam pesos insuportáveis. Não posso recordar nenhum carinho emitido, o que hoje lembrei é um olhar que dilui e disfarça, pondo limites à minha necessidade de ser visto e mencionado. No teu mundo mesquinho vivo, dos teus apartes, me meti onde não me querias; ainda que mantivesse o cuidado, não pude impedir a desintegração. Guardo recato, ainda que aprisionado pelos temas, poesias e perfumes que insistem em estampar teu rosto. No dia que dedico a esquecer-te, lembro das revelações, secreções, delírios mais sensuais, suave gozo ao passear em teu paraíso. Podia permanecer ocultado o sórdido final de lentos e constantes olhares de agonia. Seria mais fácil se fosse um amor passageiro. A decepção repetida golpeia, sustenta o sofrimento e o ódio atrevido.

PALAVRAS

Fala-me com tuas palavras, à tua maneira, dos sentimentos estranhos, faça conversas menos sozinhas, pronuncia menos, sonhe, conceda, alimenta-me os sustos e os lugares, que elas me falem a verdade. Quantas coisas não falas! Recupera os recorridos, a cidade, o intocado corpo, fale em voltar, explique a ida, conte tudo, guarde o que não posso ouvir, deixe-me saber o suficiente para desassombrar, atar as pontas, atinar na redescoberta, ainda que nada descubram dos mistérios, abafa, deixa o silêncio, falseia tudo em nome do amor. Fala-me palavras que inventem um querer eterno, falsifique o tempo, a aparência, deixam de acudir aos próprios cuidados, meu desespero torna-se familiar.

ILUSÃO DE AMOR

Esse amor engatilha para ir embora, subtraindo o compromisso, mas prometendo voltar. Condenado a não escapar dos fragmentos de cartas, promete fazer como as flores, imitar a reincidência das ações, quando seja primavera. Esse amor promete escapar ao perigo, descontrar-se até do que é seguro, confessar o impossível, molhar os olhos que conjugam o teto e o chão, o lábio, o peito e a mão. Esse amor se prepara para ir-se. Mas espera o destino da cilada.



POR AMAR DEMAIS

Entregávamo-nos, depois do sono nunca interrompido pelos cuidados, a recuperar a geografia mútua pelas mãos desejosas de carícias. Ávidos de lembrar cada prazer, envaidecíamos-nos com homenagens e, aos mimos, sempre se juntavam outros, que metiam-se pelas covas, entranhas, fendas, envolvendo-nos numa contínua descoberta, amontoando beijos, mãos, cascatas de gozos, recapitulações, perigos, felicidades, tentativas, olhos pregados nos olhos, advertidos de amar demoradamente e demais.

DA MELANCOLIA

Desci meus olhos até o lugar vazio, Contigo se foi o alegre despertar, a procura, a descoberta. Veio para ficar um triste sonhar ao gosto da melancolia.



SEU VESTIDO

Seu vestido azul flutua no vento que sopra sem ficar. Vago como o meu pensamento, folgado, desafogado, percorre a sala e o quarto, deixando algo disperso pelo chão. Entra como vida por dentro das vestes, vento apressado transportando sonhos e ciúmes agregados. Tem para si todos os meus olhares, de intenções previsíveis. A dona do vestido sorri, guarda o peito desnudo, guarda um silêncio, anda com as roupas largas sonogando-me, depois de cobrir seu ventre claro.

MANTÉM-SE

Perdurar, por os olhos pendentes onde a esperança perdura, estar na montanha onde se eleva às alturas a pugna, a súplica, a opinião, o susto, a permissão, a batalha noturna contra a insônia que nunca me alcançou. Gosto muito de acordar com tuas últimas palavras. Sei que confirmar o melhor diminui o tormento e a tristeza, porém há que estar disposto a recusar, escapar da vida comum, estar próximo ao desejo com a boca pronta e o abraço perdurando até encostar à tua imensa ameaça de me amar em desordem, em desacordo à obrigação. Perdura a vontade, se desordena o pior, a memória, o susto, se se desconsidera o adquirido, os pecados, o assunto principal, a prioridade, o justo, o importante, o que se deveria fazer.

BUSCAR SENTIDO

Careço de defesas minhas, de retomar os direitos naturais, negar acesso aos milagres, deixar os santos em paz, nivelar o desejo e o prazer, celebrar o encontro e a despedida, ajustar as antipatias. Impregnar de aromas corporais os dedos, cuidar do descuido, negociar longamente com a desesperança, tornar a insistir com a tímida renúncia que me disse não da última vez, usar o ninho para a ternura guardada, contrariar o mistério que madruga para dizer que não legitima o amor não buscado.

Declino outras declarações, luto para manter intacta a raiz, as pistas incertas, o estado normal, a ocasião propícia, a chave que abra os olhos nutridos de tuas recepções.

ESCRAVO

Em tua doçura singular encontro lugar para viver assuntos não arriscados, dou posse e valido meus sentimentos, me apodero, encolho o medo, escavo por baixo do espanto e da tua cintura para traçar os contornos até saciar minha curiosidade. Sem modificar meus planos, modifico os caminhos, repasso as lições aflito, até moldar o hábito na direção dos teus prazeres. Teu corpo inteiro me entrega esse patrimônio exclusivo que me autoriza a afeição, expõe à vista o que me faz ter o voo assustado, expõe meu deslumbramento. Faço de tudo para te navegar.



ISSO LEVA TEMPO

Perdeu sentido a fuga, precipitar repetidas despedidas quebra o disfarce. Lembro-me de cumprir a promessa, depois caio no fastio de ouvir o que já sei, ver o teu olhar onde não leio mais a prova de amor. Leva tempo

acostumar, concluir resignadamente, o árduo desgosto suporta a desvantagem. Fazer entrar de propósito o adeus, deixar tudo para trás, não cometer nada, deixar-me levar falando longamente de ti, da vida, da companhia, arrastar-te para longe; isso leva tempo.



DIANTE DA VIDA

Ocupei como residência teu corpo, que me abrigou. Contraí o hábito de ser feliz contigo. Honrei tua decisão de ser minha até me confundir, sem saber quem fui. Diante da vida, te quis perpétua; tornei ilustre meu contentamento, fiz a festa, cumpri os planos, remontei os sonhos de infância; as penas, aparei- as no teu colo toda vez que acolhido fui. Tenho as mãos cheias de carícias cuidadosamente preservadas, incrustadas como tatuagens. Por ti meu amor existe mais em graças, mais no pudor e no recato.

Acuso-me de nunca haver-te falado do meu amor, não tenho outro recurso senão invocar os rios e as florestas

umedecidas para testemunhar a suprema dedicação com que me diverti entre as flores e banhei-me em tuas águas, como busquei e em ti encontrei apenas beijos úteis e braços desocupados.

Os ventos tumultuosos e as ardentes tempestades carregam teus ciúmes, minhas saudades. Encerro os ventos dentro do meu silêncio. Suplico que te acalmes, as asas batendo descompassadas provocam tempestuosas viagens imaginárias. Tento calar a boca do vento, impedindo-o de voar. Descontente, ele tenta sequestrar o meu amor, dita novas leis, reúne mundos separados pela natureza, diz-me que já não seremos mais o extremo do mundo. Ao cair a noite, faz frio no deserto, que tenta dizer-me que não me alcança disputar o que não mais me pertence.

O VENTO

Acuso-me de nunca haver-te falado do meu amor, não tenho outro recurso senão invocar os rios e as florestas umedecidas para testemunhar a suprema dedicação com que me diverti entre as flores e banhei-me em tuas águas, como busquei e em ti encontrei apenas beijos úteis e braços desocupados.

Os ventos tumultuosos e as ardentes tempestades carregam teus ciúmes, minhas saudades. Encerro os ventos dentro do meu silêncio. Suplico que te acalmes, as asas batendo descompassadas provocam tempestuosas viagens imaginárias. Tento calar a boca do vento, impedindo-o de voar. Descontente, ele tenta sequestrar o meu amor, dita novas leis, reúne mundos separados pela natureza, diz-me que já não seremos mais o extremo do mundo. Ao cair a noite, faz frio no deserto, que tenta dizer-me que não me alcança disputar o que não mais me pertence.

DEPOIS

Depois de tanto havermos amado, vivido, entregaste as queixas, nunca me deixaste saber quais. Como água de rio, fugitiva, desapareceste sucumbindo detrás da boca ausente todos os beijos, muitas palavras, as sedes não saciados. Traímos a primavera, metendo o frio insolente enquanto permanecia a semente esperava plantio. As derrotas alternadas intensificaram as dúvidas, as reconciliações ficaram pequenas, a serenidade cansou de esperar por sua vez, não houve tempo hábil para suprir o desconhecimento. O pouco ânimo nunca construiu tudo o que o nosso encontro necessitava. Os riscos graves não aceitaram ser calculados, devolveram o tamanho da imprudência sem avisar, enfrentaram-se a si mesmos, causaram mal por todos os lados, escondendo-se como se nunca tivessem sido cuidados.

TODOS OS MALES

Não é razoável agora lamentar todos os males, espantar-nos por nossos próprios lutos, habituar-nos só às primeiras lágrimas, depois guiá-las por conhecidas vias como oferendas pelo amor desaparecido. Tenho apagadas nas mãos tuas carícias; espantosas decepções borraram todos os aromas, os olhares quase hostis devolvem um vazio desaparecido desde que te conheci. Parto em boa hora, com as manchas lavadas, os perigos todos, o medo confesso que guia um cortejo de lembranças contigo construídas. Quebrada a admiração, levo o orgulho ferido e os remos partidos.



COMOÇÃO

Desato o que resta de apego, desisto com imenso pesar, arrasto um corpo vivido, cumpro com o enorme dever da despedida, recolho os abraços, encerro as declarações, aqui termina o esforço, a desesperação e

o constrangimento. No final, perco parte da visão que te embeleza, deixo de assistir uma comoção que não terás. Minha palavra provoca-te a indiferença, leme dos teus recuos. Parto com os ossos nus, o sangue à mostra denunciando as iras reunidas, cicatrizes no ventre. Tenho choros desviados, lágrimas inteiras dentro da alma aguardando guarida. Perdoe meu futuro se nele eu for feliz sem ti.



AS CARAS TRISTES DO AMOR

Não posso terminar sem a sinceridade, embora saibas desde o começo, das consequências. Antes de dizer-te adeus, finjo uma naturalidade, forço conversas dispersivas, perco o sentido das exigências da vida. Lanço ao mundo um afeto que não posso pôr em ti, o fim sem recomeço sustenta o vazio que, mais do que um ato, é uma absoluta falta da tua presença. Sem aceitar réplicas, as caras tristes do amor se encontram na despedida, na pena enamorada, na solidão indesejada,

que nunca de antemão nos leva por caminhos conhecidos. No fundo, me afasto da predileção que te faz minha fonte, não me ocorre senão remeter-te todas as lembranças compartilhadas, os abraços vazios e uma imensa e nada surpreendente saudade.



ENGANO

Confio em ti para não se engendrar em nós faces que encobrem mentiras. Evito a vida destinada e absurda. Temo generosos improvisos, a pureza de intenções, a pobreza de espírito e felicidades excessivas. Salvo-me da euforia que me tira o senso, e me põe no alto, onde minha vista não alcança. Meus planos os traço vivendo a vida, aceito de bom grado amor convicto, ascendente, pronto para o melhor, para durar, ainda que se sabendo finito.

Que amor é esse que professas? mas não alcança o que conheço para entendê-lo, ele aumenta até ser de primeira necessidade., põe em crise a minha paz, ri da prudência, passa sem direção, crescente, a expensas de sentimentos indecifráveis.

DESAFOGADO

Levo na alma os teus gemidos, o brilho dos teus olhos, o olhar sem rumo, brincalhão, querendo se inteirar, salvar o presente, fazê-lo eterno, quase imutável, dando graças à vida.

Desafogado das dores nossas, evoco as vontades diferidas, a estrofe fresca que escapa ao controle dos sentidos e busca a cor, o perigo, a semente fecunda.



CONFINAMENTO

Na atmosfera confinada do nosso encontro, testemunho os silêncios. Quando a dor precede a despedida, depois de haver vivido o sal da vida, pesa sobre nós o tempo de uma ausência por vir, há que repetir, falsear um desprendimento, insinuando indiferença, perder a luz e o equilíbrio, esse realismo pretensioso que se pensa mais real do que aquilo que vivemos. Na paixão, convertemos em ação o essencial: o sentimento, o físico, o sono, o movimento, a agonia. Presenciamos nascer uma liberadora atitude que extingue o medo e a vergonha, ainda que essa lacuna gere, depois, risos fugazes, infortúnios.

HÁ ALGO

Há entretanto, algo que pode parecer insincero. Forjo sobre ti uma consequência que me agita o existir, me imagino coberto por absolutos fins, absurdas planícies que me acomodam no teu colo, uma loucura contida, tua voz clara me falando no meu silêncio e eu torpe, atinado e feliz, convencido de haver conhecido o paraíso, recebendo todas as transmissões que rompem o curso dos meus pensamentos, inventando outras ideias sem esforço, exageradas, correndo o risco de fazer-me sentir amado, querido. Todos os sacrifícios, todas as esperas me tiram das naturais previsões. Sou socorrido por ti, que deste um novo sentido à minha alegria. És a base dos meus sonhos, promoves internas concordâncias que a vida mesma pede, alcançadas por crenças sinceras que constroem todo meu sentir.

Tuas palavras me invocam colo, descanso, sonhos. Cada vez que volto, venho com esperança de ver entreabrirem-se as portas e as janelas. Anseio por sentar-me diante da porta iluminada, aberta por mim para nenhum sonho permanecer escondido, nenhum abraço permanecer fechado, e de ficar para sempre tão feliz, que nunca esgotarei nos meus sonhos a paciência

de te esperar. Minha alma anda por cima dos orgulhos, das opiniões, das distâncias que criam e apressam nostalgias.

Não me importo em perder horas da minha vida pensando em ti. Sigo esperando, não seria bom da minha parte desprezar teu lento caminhar.



PROVAS

Quase como se não existissem, tuas saudades se põem a meu lado como sombra, que assiste a minha tristeza, modesta e terna. Minha sombra aprendeu a ter paciência até que eu pudesse voltar a te encontrar. E meu amor te pôs alento para que entendesses que é simples e fácil dar e receber, simples como o dia e a noite, previsível e transparente. Espero que me alcances.

CADA VEZ QUE VOLTO

Tuas palavras me invocam colo, descanso, sonhos. Cada vez que volto, venho com esperança de ver entreabrirem-se as portas e as janelas. Anseio por sentar-me diante da porta iluminada, aberta por mim para nenhum sonho permanecer escondido, nenhum abraço permanecer fechado, e de ficar para sempre tão feliz, que nunca esgotarei nos meus sonhos a paciência de te esperar. Minha alma anda por cima dos orgulhos, das opiniões, das distâncias que criam e apressam nostalgias.

Não me importo em perder horas da minha vida pensando em ti. Sigo esperando, não seria bom da minha parte desprezar teu lento caminhar.



EMPRESTA-ME TUAS ASAS

Empresta-me tuas asas, já que não podes me emprestar teu coração. Seria inútil tentar me proteger das penas,

comoções, quando o amor já está dentro de mim, independente, atrevido, conversando com todos os meus órgãos. Não aceitando esconder-se, voa, dando as mãos à tua sombra, a teu pensamento, que caminha ao meu lado, chega sem pedir permissão, traz um doce ar de que oculta presença e fica para sempre aqui, na próxima esquina, naquele vulto que caminha adiante, no armário da cozinha, olhando a próxima montanha, dizendo o não como só tu o sabes fazer. Vencido pelo cansaço, ponho meu desconsolo a dormir. Descanso as minhas saudades, que pedem por ti.



INVENTO MODELOS

Invento modelos de teu sorriso, de tua tristeza. Tomo para mim parte de teu sofrer, relativizo-o, devolvo-te em porções suportáveis, me faço de escudo, sirvo carinhos, presto serviços à tua natureza, dou-te o prazer que recusas, transporto ruídos para despertar teu silêncio. Sirvo de espelho, invento modelos, me

curvo para romper exemplos, inspiro um futuro digno de reverter passados inconvenientes pondo-lhes véus e palas? Amnésicas para incluir uma louca vontade de concluir o novo e reinventar o nosso porvir.



ESQUECIDAS PRIMAVERAS

Naquele dia, parecia que a primavera tivesse esquecido de comparecer. Era inverno, as camas estavam aquecidas, os olhares aproximados, as lareiras encantadas. Nos invernos, não se buscam as sombras; travamos guerra contra o vento e o frio de cada dia a rondar nossas fragilidades, nos convidamos a deitar em colos, em camas compartilhadas, dar contentamento à vida. A vontade de viver vinha em enxurrada para lavar os olhos, encharcar rostos e camas. Lavados os olhos, reclinamos a cabeça, eu pensando em ti e tu em um conto de fadas há muito tempo esquecido.

Inundado de tentações que me encrespavam de frio e valentia, alimentei sonhos, teimei em repetir indigentes pedidos de carícias.

POSSO

Posso ler teus olhos que, recém-amanhecidos, acompanham meus passos a distância. Vejo os doces pensamentos que migram até meu amor cair rendido; sinto-me vivo. Usas esses olhos para olhar desta ou de outra maneira, à moda de acostumar-me, de perder-te e voltar a encontrar-te em meu próximo pensamento. Aprendi a abrigar-me em tuas carícias e dar voltas debaixo de ti, nua, molhando nostalgias, entrando com olhos vorazes que memorizam teu gozo, para que seja depois será meu alimento, confunda minha inocência e organize novas vontades de se encontrar. Renovaremos a pele e sonhos para que não se equivoquem e voltem a estar presentes.



OLHARES FURTIVOS

Guardo os olhares furtivos, absurdamente intensos em meio ao consumo de tantas fracassadas buscas, não as quero misturar com quaisquer outras, não as quero deambulando pelas ruas, nem que te persigam

para furtivamente roubarem essa paz que guardas como tua. Quero conservar-te, já não podes não voltar, teu inevitável regresso caminha no limite das minhas saudades. Toda a ternura deixada pensa que o coração segue vivendo. Meu deserto.

Doo-te meus sonhos para que possas viver, um pouco da minha esperança para guiar-te no caminho que escolhas. Em genuína consonância, neutralizo teu passado, elimino todas as virulências, oferecendo-te a mais valiosa virtude, aquela que gesta e forja a capacidade para cuidar-te de ti mesma. Revisto em ti um amor, que te ofereço para transpassar as capas superficiais, para penetrar no mais fundo e no mais profundo do teu ser, para chegar até a alma e fazê-la habilitada às fecundas liberdades, cume da conquista da coragem.

Roberto Curi Hallal

